

**Perceptions of aging and
old age in the voice of
undergraduate academics**

**| Concepções de envelhecimento e
velhice na voz de universitários**

ABSTRACT | Introduction: *The aging is an individual, universal and irreversible degradation's process of organism. Objective:* *This study aimed to analyse the perceptions of aging and old age in the voice of undergraduate students from a public institution of higher education which does not offer human aging-related courses. Methods:* *Using a qualitative descriptive approach the study was carried out at a federal university located in Rio Grande do Sul. Data were collected in 2013 from semi-structured interviews with twelve students from the School of Animal Science and the Business School. Participants were intentionally identified and data were organized and analyzed according to the principles of content analysis. Results:* *Our findings were divided into three categories: aging and old age in the voice of undergraduate academics, aging as gaining experience and the elderly within society. Most students were found to lack a clear view of old age and aging, heavily associating this stage of life with negative aspects. Conclusion:* *The research points to the need to broaden the discussion in the academy about topics related to human aging in all undergraduate courses, since aging is an unquestionable reality and most future professionals will inevitably interact with older people.*

Keywords | *Demographic Aging; Health education; Old Age Assistance; Geriatrics.*

RESUMO | Introdução: O envelhecimento se constitui um processo individual, irreversível e universal de degradação de um organismo. **Objetivos:** Este estudo teve por objetivo analisar as concepções de envelhecimento e velhice na voz de acadêmicos de cursos de graduação de uma instituição pública de ensino superior, que não possuem em sua grade curricular disciplinas ou conteúdos relativos ao envelhecimento humano. **Métodos:** Estudo de abordagem qualitativa descritiva, desenvolvido em um campus de uma universidade federal pública localizado no Rio Grande do Sul. A produção de dados aconteceu por meio de entrevista semiestruturada, em 2013, e os sujeitos foram 12 acadêmicos dos cursos de Zootecnia e Administração, intencionalmente identificados. As informações foram organizadas e analisadas segundo os preceitos da análise de conteúdo. **Resultados:** Os dados foram agrupados em três categorias: velho e velhice na voz de acadêmicos, o envelhecimento como aquisição de experiência e o idoso inserido na sociedade. **Conclusão:** Identifica-se que a maioria dos acadêmicos não possui claramente os conceitos de velhice e envelhecimento, atribuindo a essa fase e a esse processo aspectos negativos. A pesquisa aponta para a necessidade de ampliar as discussões na academia sobre temas relacionados ao envelhecimento humano em todos os cursos de graduação, considerando que a velhice é uma realidade incontestável e que a maioria dos futuros profissionais irá, em algum momento, interagir com pessoas idosas.

Palavras-chave | Envelhecimento da população; Educação em saúde; Assistência a idosos; Gerontologia.

¹Universidade Federal de Santa Maria, Palmeira das Missões/RS, Brasil.

INTRODUÇÃO |

A Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta distinção na idade cronológica para definir quem se encontra na velhice para os diferentes países. Assim, estabelece, para que seja idoso, a idade de 65 anos ou mais, para quem reside nos países desenvolvidos, e quem tem 60 anos ou mais para aquelas pessoas que moram em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil¹.

O envelhecimento se constitui um processo individual, irreversível, universal e não patológico de degradação de um organismo. Tal processo é característico dos membros de uma mesma espécie, e o passar dos anos faz o indivíduo diminuir sua capacidade de enfrentar o estresse e, com isso, maior probabilidade de morrer¹.

O processo de envelhecer pode acontecer sem maiores complicações e/ou limitações aos indivíduos, uma vez que resulta de modificações nas dimensões física, cronológica, psicológica, social e espiritual. Deve-se levar em consideração, ainda, que o envelhecimento difere de pessoa para pessoa e pode ser observado de acordo com hábitos de vida e variáveis existentes em cada indivíduo².

O envelhecimento populacional é consequência das alterações nos indicadores que ocorreram nos últimos anos, como a diminuição das taxas de fecundidade e de natalidade e o aumento da expectativa de vida. Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³, o índice de envelhecimento mostra uma alteração na estrutura etária no Brasil, já que em 2008, para cada 100 crianças de 0 a 14 anos, existiam 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Para 2050, espera-se que haja, para cada 100 crianças, 172,7 idosos. São números mostrando que o Brasil está envelhecendo e, acompanhado dele, novas políticas e ações voltadas para essa parcela da população devem emergir, para suprir as necessidades desse público. O Estatuto do Idoso⁴, em seu artigo 2º, estabelece que o cidadão idoso tenha assegurado seus direitos fundamentais, que lhe oportunizam por lei a preservação de seus aspectos físicos, biológicos, mentais e espirituais em condições dignas. No mesmo Estatuto, artigo 3º, parágrafo único, preconiza-se a capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos, o que corrobora com a concepção de que o cuidado ao idoso requer preparo e conhecimento e não ações empíricas.

Diante desse cenário, entende-se que esse contingente da população requer atenção e diligência na promoção da saúde, na prevenção de doenças e na reabilitação. A demanda em constante aumento demonstra a necessidade de recursos humanos capacitados para tratar as especificidades dessa faixa etária⁵. Para entender o processo de envelhecimento, é necessário relacionar a formação acadêmica do profissional, não apenas focando o âmbito trabalhista, mas também a vivência em sociedade.

A educação para o envelhecimento não deve ser restrita à graduação e a saberes médicos, sendo necessário o conhecimento de diversos profissionais sobre o tema, abrangendo educação continuada, em que o estudo do envelhecer seja interdisciplinar⁶. A presença de pessoas idosas na sociedade é uma realidade nos dias atuais e isso torna importante o estudo de mecanismos no auxílio a essa população, abrangendo todas as esferas profissionais no que se refere a uma maior qualidade de vida⁷.

O pouco conhecimento sobre os fatores próprios do envelhecimento humano parece dificultar as mudanças de atitudes em relação à velhice. Além disso, as compreensões errôneas sobre essa etapa da vida podem limitar as oportunidades sociais e de saúde a esse contingente populacional. Diante disso, faz-se necessário estudar os efeitos do preconceito etário na população idosa brasileira, seja no contexto social e/ou no cenário da saúde, com a finalidade de pôr em pauta a discussão do tema, possibilitando reduzir a estigmatização das pessoas que estão vivenciando a velhice⁸.

A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa aponta que o preconceito e a negação social da velhice podem limitar a formulação de políticas específicas para esse grupo⁹. A exclusão fundamentada em estereótipos e preconceitos parece dificultar o acesso dos idosos aos recursos sociais e induz a um senso de inferioridade e de incapacidade que pode levar ao isolamento¹⁰.

Nas próprias universidades, a inclusão social do idoso já é realidade, sendo tema de discussão e análise na academia. Abordar esse tema possibilita aos acadêmicos se acostumarem com o envelhecimento populacional crescente, possibilitando a oferta de disciplinas que abordem essa temática na graduação e pós-graduação, como componente do currículo¹¹. Assim, incluir o tema idoso na sociedade valoriza-o, fazendo com que este se sintá ambientado, além de formar redes ricas para trocas¹².

Em estudo¹³ realizado com acadêmicos de enfermagem, os discentes ressaltam o âmbito negativo do envelhecimento, ligando-o às dificuldades e perdas. O mesmo estudo aponta que os estudantes têm conhecimento escasso sobre envelhecimento, dando ênfase a preconceitos e associando o idoso a sentimentos de tristeza e dependência, e poucos se referem a uma pessoa ativa e às várias formas saudáveis de se envelhecer. Isso porque grande parcela dos alunos reconhece os contratempos do envelhecer, suas consequências, a complexidade nas adaptações, mas também visualizam a possibilidade de um envelhecer com realizações.

O envelhecimento é um tema que tem despertado o interesse da mídia e dos meios de comunicação de tal forma que pode auxiliar a sociedade na formulação de opiniões, positivas ou negativas, de como ver o idoso e o processo de envelhecer¹⁴. Caso a sociedade entenda negativamente a velhice, pode levar ao aumento do preconceito intergeracional e temor sobre o envelhecimento decorrente da incerteza de como serão essas mudanças.

Comumente, a forma discriminatória de entender o envelhecer acontece devido à falta de informação sobre como este ocorre, sendo cercado por conceitos negativos, o que coíbe ainda mais a interação entre os sujeitos, levando o idoso a uma possível desvalorização na comunidade na qual está inserido. O idoso tem a representação negativista relacionada à concepção tradicionalista sobre o envelhecer, pois no meio social está ligado aos sentimentos negativos como inflexibilidade, estagnação, isolamento, falta de capacidade individual, dependente dos outros, podendo ser excluído das vivências sociais das quais participava¹⁵. Como um exemplo que, frequentemente, leva ao isolamento social, aparece a aposentadoria, momento em que o sujeito se distancia de sua rotina de produção e das pessoas com as quais convivia diariamente.

O conviver com outros indivíduos na sociedade e comunidade proporciona ao idoso um espaço de troca e intercâmbio de informações, saberes, questionamentos e carinho¹⁶. Ele precisa estar envolvido em ações que lhe deem a oportunidade de sentir-se útil e importante para a comunidade.

Por meio de busca na literatura nacional referente à percepção de universitários acerca do envelhecimento e da velhice, foi possível identificar estudos com essa temática, mas estes deram voz para acadêmicos dos cursos da área da

saúde, em especial, estudantes de cursos de enfermagem. Desse modo, identifica-se uma lacuna na produção de conhecimento que contemple a visão de acadêmicos de outros cursos e áreas, justificando, assim, a relevância do presente estudo.

Neste contexto, considera-se importante conhecer as concepções que acadêmicos de diversos cursos da universidade têm sobre o envelhecimento e velhice. Assim, o estudo poderá se constituir em subsídio para a formulação de propostas que possam orientar e esclarecer como se dá o processo de envelhecimento e a velhice, contribuindo para que haja reconhecimento do papel do idoso na sociedade. Também poderá ser um balizador para a proposição de ações educativas destinadas a estudantes de nível superior.

Tendo em vista o acima apresentado, objetiva-se com este estudo analisar as concepções de envelhecimento e velhice na voz de acadêmicos de cursos de graduação de uma instituição pública de ensino superior, que não possuem em sua grade curricular disciplinas ou conteúdos relativos ao envelhecimento humano.

MÉTODOS |

Estudo de natureza qualitativa descritiva, desenvolvido em uma universidade pública, localizada no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. Participaram da investigação doze estudantes universitários dos cursos de Zootecnia (Ciências Rurais) e Administração (Ciências Exatas), devidamente matriculados e maiores de 18 anos. Ambos os cursos não possuem, em sua grade curricular, disciplinas relacionadas ao envelhecimento humano.

A produção de dados aconteceu no período de agosto e setembro de 2013, por meio de entrevista semiestruturada, em que o entrevistado discorreu livremente sobre as seguintes questões balizadoras: *Fale o que é, para você, processo de envelhecimento. O que é velhice para você?* As entrevistas foram gravadas em meio digital e transcritas na íntegra. A amostra foi do tipo intencional, em que aleatoriamente pelo menos um acadêmico de cada semestre dos cursos foi entrevistado. A interrupção das entrevistas ocorreu quando os pesquisadores verificaram que não tinha havido agregação de novas informações ou nenhum novo tema para ser registrado em relação ao que está sendo estudado.

Após a coleta das informações, estas foram organizadas e analisadas, seguindo os preceitos da análise de conteúdo¹⁷. Assim, inicialmente houve a pré-análise, na qual ocorreu a organização e sistematização das ideias iniciais; em seguida, fez-se a exploração do material, que consistiu na codificação; e na sequência, o tratamento dos resultados e a interpretação, em que os dados foram agrupados em categorias, interpretados e analisados.

Destaca-se que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, desse modo, o estudo seguiu os trâmites previstos na Resolução 466/12 e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob N° 367.679/2013.

RESULTADOS/DISCUSSÃO |

Após a leitura e análise do conteúdo das entrevistas realizadas, estas foram agrupadas em três categorias. A primeira versa acerca do velho e velhice na voz de acadêmicos; a segunda disserta sobre o envelhecimento para aquisição de experiência; e a terceira discute o idoso inserido na sociedade. Em relação à caracterização dos entrevistados, esta evidencia que 10 acadêmicos são do sexo feminino, demonstrando predomínio de mulheres; a maior representatividade foi de jovens, em que 11 indivíduos tinham entre 18 a 20 anos de idade. A maioria dos pesquisados afirma já ter vivido ou viver com idosos na mesma residência, totalizando oito acadêmicos.

Velho e velhice na voz de acadêmicos

Aos serem questionados sobre o entendimento que tinham sobre as palavras velhice e envelhecimento, identificam-se manifestações diversas, evidenciando dúvidas e divergências relativas ao tema. O envelhecer é frequentemente permeado por concepções de perdas nos âmbitos biopsicossociais, que podem levar o idoso a dependência e invalidez. Entretanto, faz-se necessária a dissociação entre os termos velhice e doença, pois é possível envelhecer com autonomia, independência e livre da passividade. Os discentes entrevistados possuem, em sua maioria, uma visão negativa e degradante da velhice, identificando-a como terminalidade da vida, como mostram as manifestações:

Eu acho que... a última fase da vida (A1).

Não tem a mente tão boa, quando a gente não está mais com o nosso corpo saudável (A2).

Em relação à velhice, o seu entendimento deve ser visualizado como a última fase do processo de envelhecer humano, pois ela é um estado que caracteriza a condição do ser humano idoso. A imagem corporal é aquela que evidencia as características da pessoa idosa: cabelos brancos, calvície, rugas, diminuição dos reflexos, compressão da coluna vertebral, enrijecimento e tantos outros¹⁸. No entanto, quando os indivíduos passam a reconhecer a vida como finita, seus conceitos e valores são transformados. A maneira como a velhice é vivenciada relaciona-se ao processo de desenvolvimento, à consciência de cada pessoa em particular e à sua história de vida. Portanto, o envelhecimento difere de pessoa para pessoa, observado de acordo com os seus hábitos de vida e variáveis existentes para cada indivíduo¹⁹.

Comumente, a forma distorcida de entender o envelhecer acontece devido à falta de informação sobre como ele ocorre, sendo cercado por conceitos negativos, o que coíbe ainda mais a interação entre os sujeitos, levando o idoso a uma possível desvalorização na comunidade na qual está inserido; em muitos casos, a própria caracterização do velho como indivíduo não prestativo, inadaptável e dependente surge no seio familiar, identificado por comentários dirigidos ao idoso ou a outros familiares. O ato de infantilizar o idoso, por exemplo, bastante observado nas relações familiares, causa distorção no papel do idoso na sociedade, comparando fases completamente distintas que requerem diferentes cuidados e entendimentos, generalizando de forma errônea e descaracterizando o perfil do idoso como ser único e individual. A ligação do envelhecimento ao processo de infantilização, dependência de cuidados e perda de autonomia pode ser reconhecida nas falas dos acadêmicos A3 e A12:

Eles estão chegando em uma idade que eles estão começando a virar criança (A3).

Dependem mais de pessoas mais novas (A12).

O sujeito dependente de cuidados não é um indivíduo novo em nossa sociedade, pois sempre esteve presente em variadas épocas. Entretanto, hoje ele tem surgido como um problema social a partir do momento em que há a necessidade de que outras pessoas, seus cuidadores, abndiquem de sua vida profissional e pessoal para atender

aos plenos cuidados deste, no caso, o idoso. Tal realidade é uma vivência em muitos locais, em que algum personagem, geralmente feminino e da família, abre mão de sua privacidade e individualidade para atender ao tratamento e vigília ao idoso que necessita de auxílio. A sociedade precisará adequar-se a essa nova realidade, preparando profissionais de diversas áreas de trabalho que atendam à demanda desse novo perfil demográfico que surge: o idoso dependente em todas suas dimensões, por isso a importância das mais variadas ciências compreenderem o que é o envelhecimento e a velhice em sua totalidade²¹.

Desta forma, os sujeitos estão tratando o processo de envelhecer com vistas às limitações e à chegada das doenças e suas consequências, com foco no idoso fragilizado e como alvo prioritário a visão de vulnerabilidade devido à idade. Essa forma de ver a velhice impossibilita as relações longitudinais entre diferentes indivíduos e, ainda, reafirma que esse idoso realmente está em fase de terminalidade, tal forma de pensar e trabalhar com ele não diminuirá seu sofrimento nem eliminará suas angústias. Palavras negativas e pejorativas são descritas nas citações a seguir:

Vêm as doenças, quando eu morei com a minha avó ela passou por isso [...] pressão alta, diabetes, levar no médico toda hora, câncer também (A11).

É uma forma de restrição, ah! é velho não pode fazer tal coisa (A12).

O velho passou a ser visto como antigo, ultrapassado e antiquado quando foi substituído pela tecnologia e velocidade de informação, já que as novidades são atualizadas a cada momento, e o idoso passou a sofrer exclusão dos novos conhecimentos, ou seja, sua sabedoria perdeu a importância a partir do momento em que tantas coisas se renovam a todo tempo²². Qualquer ação voltada a modificar a realidade de preconceito e exclusão precisa ter valorização, modificando sua visão sobre o envelhecimento, levando a uma alteração nas atitudes perante essa fase da vida²³.

Em contraponto, alguns acadêmicos identificaram que os aspectos relativos ao processo de envelhecimento se transformaram no decorrer do tempo, possibilitando aos idosos novas oportunidades de longevidade com qualidade de vida e não somente em quantidade de anos vividos. Para tanto, fazem-se necessárias melhores condições para aqueles que envelhecerão, ou seja, refletir sobre o envelhecimento é planejar o futuro que virá para todos. É fato que, atualmente, os longevos passam por uma fase de

transformação social, na qual começam a ser reconhecidos como agentes transformadores e membros ativos da comunidade, deixando de ser vistos como incapacitados e livrando-se da imagem do velho que passa o dia inteiro em sua casa, envolvido com tarefas domésticas, sem participação na rotina social. Tal mudança é corroborada pelas falas dos acadêmicos 6 e 7:

Não é aquela coisa que nem antigamente, onde os velhos só ficavam em casa [...] hoje eles são bem mais ativos (A6).

São ativos, participam mais da sociedade (A7).

Os programas de apoio ao envelhecimento saudável e de promoção da saúde e prevenção de doenças têm papel primordial para o estímulo ao envelhecimento ativo, pois oportuniza a idosos mais carentes a possibilidade de oferta de serviços de qualidade e assistência. Tais ações devem também ser aliadas às ações de universidades, município, estado e país, como forma de garantia de que se cumpram as metas estipuladas²⁴. Os idosos praticantes de atividades físicas apresentaram melhor desempenho quando comparados aos sedentários, principalmente no domínio da interação social, já que na prática de atividades físicas é propiciada ao praticante a sensação de prazer e bem-estar, além da integração com os outros idosos que realizam a mesma atividade em grupo ou individualmente²⁰. Portanto, a ligação entre os programas sociais disponibilizados aos longevos que estimulam sua participação na comunidade ajuda e sustenta o crescimento da faixa etária no País. Tal informação é pertinente, pois confirma que o envelhecer não é um processo constituído por homogeneidade, mas permeada por várias influências, inclusive a de relações político-sociais.

O envelhecimento como aquisição de experiência

Por meio das falas dos participantes da pesquisa, pode-se perceber que alguns compreendem o envelhecimento como uma experiência enriquecedora, em que a pessoa idosa se constitui o suporte no seio familiar porquanto comumente os membros da família se unem em torno da pessoa velha, devido a sua imagem de sabedoria e liderança. É inclusive atribuída pelos discentes ao processo de envelhecer o significado de satisfação pessoal para o idoso, primeiramente pelo fato de chegar a uma idade avançada, mas também por eles passarem a fazer uso do conjunto de conhecimentos reunido no

decorrer da vida. Para os acadêmicos, fica evidente que a velhice proporciona ao indivíduo um desenvolvimento psicológico e afetivo, pois o longo desempenho o papel de conselheiro, de transmissor e contador de vivências, passando ao próximo uma imagem de serenidade, como se identifica nas falas dos participantes:

Tu senta com o teu vô e tua avó, eles começam a contar histórias da vida [...] eles adquirem durante a vida, dos conselhos e tal (A2).

Idoso já viveu bastante, que adquiriu bastante conhecimento (A5).

É uma pessoa experiente (A8).

Com o passar dos anos a pessoa vai ficando com uma bagagem mais avançada (A12).

O conviver intergeracional com outros indivíduos no meio social oferece ao velho a oportunidade de troca de saberes e conhecimento, constante intercâmbio de realidades distintas, além de proporcionar carinho nas relações interpessoais. Para sentir-se útil, o idoso necessita estar atrelado a atividades que o façam sentir-se valorizado no meio em que vive, sendo agente e não coadjuvante no processo do envelhecer. Desta forma, a ação de contar e relembrar o passado por meio das memórias que possui garante ao longo uma função de semeador da cultura, mostrando que o envelhecer é mais uma questão psicológica do que somente física.

O conhecimento e sabedoria que se adquirem ao longo dos anos servem como alicerce para retomar antigos planos de quando se era jovem e não puderam ser realizados. Permitem, ainda, buscar o reconhecimento na sociedade em que se está inserido e como experiência para aproximar-se das novas mudanças ocorridas no mundo²⁵. Tal fato pode ser observado quando se vê que idosos estão viajando mais e/ou retomando atividades que até então não lhes pertencia, como ir a festas e estudar. Esse panorama leva a compreender o novo e complexo fenômeno das relações intergeracionais na sociedade.

O idoso inserido na sociedade

Essa categoria emergiu como avaliação que os próprios entrevistados fizeram o papel do idoso na sociedade atual, de que forma ele é visto pelos mais jovens e o modo de

ele ser tratado no meio em que vive. No sistema no qual estão inseridos, baseado na produção em massa e intenso retorno financeiro e pessoal, o idoso se torna excluído das atividades político-econômicas e serve como exemplo de exclusão social a aposentadoria, momento em que o sujeito se distancia de sua rotina de produção e das pessoas com as quais convivia diariamente. Isso, por muitas vezes, leva o longo ao isolamento, por ser uma fase em que o idoso se retira do meio e passa a viver o tempo em sua casa, fazendo com que se sintam sem utilidade na comunidade.

Aos serem questionados sobre o preconceito com indivíduos na terceira idade, parte dos acadêmicos considera a inserção do idoso na sociedade uma ação balizada por preconceito e discriminação devido à idade:

A sociedade não está preparada para a velhice (A9).

Eles não são tão bem acolhidos (A10).

É excluído, muita gente acha que não podem mais fazer muita coisa (A12).

Faz-se necessário estudar os efeitos do preconceito etário na população idosa brasileira, seja no contexto social, seja no cenário da saúde, com a finalidade de pôr em pauta a discussão do tema, possibilitando reduzir a estigmatização das pessoas que estão vivenciando a velhice⁸. Na sociedade, em geral, é prevalente o conceito/imagem de idoso dependente de cuidados, que necessita de auxílio e que está à margem do mundo. Nessa concepção de improdutividade, o longo distancia-se, cada vez mais, ficando recluso em sua residência e, desta forma, perdendo sua identidade. Hoje, preza-se pelo culto à juventude e a aparências externas, o que dificulta ainda mais a inclusão do idoso nos diferentes espaços sociais, já que a velhice é uma fase de transformações estéticas e também psicológicas.

Todavia, para alguns discentes, o envelhecimento tem proporcionado aos longevos novas formas de visão social. Para parcela desses acadêmicos, a velhice tem se tornado uma oportunidade de realizar os desejos que eram existentes em outras fases da vida, como a adolescência. Também consideram que o idoso assume papel de maior atividade, pois existem leis as quais asseguram seus direitos constitucionais, como o lazer e transporte gratuito, o que favorece suas ações na comunidade devido a acesso.

Vai aumentar o tempo de trabalho [...] vai ter projetos de lazer com a terceira idade (A3).

Os idosos estão ganhando espaço (A4).

Agora eles saem, vão à academia, são mais ativos (A5).

Para os entrevistados, a possibilidade de os idosos saírem de casa e realizarem atividades, que anteriormente ficavam restritas ao lar, é uma prova de independência e autonomia. É possível observar que atualmente os idosos passam a reassumir as funções que tinham há tempos, retornando às atividades trabalhistas e até mesmo às classes escolares, integrando-se ao meio, e isso aponta para uma inclusão cada vez mais intensa.

CONCLUSÃO |

Com a realização deste estudo, constata-se que a maioria dos acadêmicos entrevistados não tem definido claramente os conceitos de velhice e envelhecimento, atribuindo a essa fase e a esse processo aspectos negativos. Uma pequena parcela deles considera que os idosos têm na velhice uma oportunidade de retomar antigos planos e que os atuais longevos são ativos, sendo esses pontos positivos ao avançar da idade.

Quanto ao envelhecimento como base para aquisição de experiência, os entrevistados entendem que a velhice oferta aos idosos uma fase de conhecimento e sabedoria na qual podem proporcionar aos mais jovens grandes aprendizados. Observa-se, também, que os participantes da pesquisa compreendem ser o idoso discriminado na sociedade, embora a tendência seja que esse entendimento possa diminuir com o tempo, tendo em vista o aumento do número de idosos e pelas discussões realizadas na sociedade acerca dessa temática.

Diante do observado, é perceptível que a mudança na forma de pensar sobre o envelhecer cabe à sociedade como um todo, principalmente aos jovens, e que extirpar o preconceito é uma responsabilidade para as gerações de agora. A pesquisa também leva à sugestão de maiores discussões na academia sobre temas relacionados à velhice e ao envelhecimento, não somente nos cursos da área da saúde, considerando ser o envelhecimento uma realidade incontestável e que a maior parte dos futuros profissionais irá, em algum momento, interagir com pessoas idosas.

REFERÊNCIAS |

1. Organização Mundial da Saúde (OMS). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde; 2005.
2. Sant'anna RM, Câmara P, Braga MGC. Mobilidade na terceira idade: como planejar o futuro? Textos Envelhecimento [internet]. 2003;6(2):5-6 [citado em 2013 abr. 15]. Disponível em: URL: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282003000200002&lng=pt&nrm=iss&tlng=pt>.
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). População brasileira envelhece em ritmo acelerado. IBGE; 2008 [citado em 2013 abr. 15]. Disponível em: URL: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/pt/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1272>>.
4. Brasil. Presidência da República. Estatuto do Idoso. Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Acesso em 15 abr. 2013. Disponível em: URL: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>.
5. Medeiros FAL, Rodrigues RPL, Nóbrega MML. Visão de acadêmicos de Enfermagem em relação ao processo de envelhecimento. Rev Rene. 2012; 13(4):825-33 [citado em 2014 fev. 14]. Disponível em: URL: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1077/pdf>>.
6. Motta LB, Aguiar AC. Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro: integralidade, interdisciplinaridade e intersetorialidade. Ciênc saúde colet, 2007; 12 (2): 363-72.
7. Silva BR, Finocchio AL. A velhice como marca da atualidade: uma visão psicanalítica. Vínculo [internet]. 2011; 8(2):23-30 [citado em 2014 fev. 14]. Disponível em: URL: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v8n2/a04.pdf>>.
8. Koch-Filho HR, Koch LFA, Kusma SM, Werneck RI, Bisinelli JC, Moysés ST, et al. Uma reflexão sobre o preconceito etário na saúde. G&S. 2012; 4(2):40-8.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.

10. Néri AL, organizador. Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Sesc-SP; 2007.
11. Pereira PAP. Formação em serviço social, política social e envelhecimento populacional. SER Social. 2007; (21): 241-57.
12. Gomes MAS, Lessa J, Sá RN. O papel do idoso nas dinâmicas sociais de realização do ser-no-mundo-como-outro. RTG. 2008; 1(2):7-12.
13. Santos NC, Meneghin P. Concepções dos alunos de graduação em enfermagem sobre o envelhecimento. Rev Esc Enferm USP, 2006; 40(2):151-9.
14. Guerra ACLC, Caldas CP. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. Ciênc saúde colet. 2010; 15 (6):2931-40.
15. Mendes MRSSB, Gusmão JL, Faro ACM, Leite RCBO. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. Acta Paul Enferm. 2005; 18(4):422-6.
16. Rodrigues LS, Soares GA. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. Revista Ágora, 2006; (4):1-29.
17. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.
18. Santos SSC. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. Rev Bras Enferm [internet]. 2010; 63(6):1035-9 [citado em 2014 abr. 12]. Disponível em: URL: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n6/25.pdf>>.
19. Guimarães ACA, Scotti AV, Soares A, Fernandes S, Machado Z. Percepção da qualidade de vida e da finitude de adultos de meia idade e idoso praticantes e não praticantes de atividade física. Rev Bras Geriatr Gerontol. 2012; 15(4):661-70.
20. Araújo LF, Coelho CG, Mendonça ÉT, Vaz AVM, Siqueira-Batista R, Cotta RMM. Evidências da contribuição dos programas de assistência ao idoso na promoção do envelhecimento saudável no Brasil. Rev Panam Salud Públ. 2011;30(1):80-6.
21. Cunha JXP, Oliveira JB, Nery VAS, Senae LS, Boery RNSO, Yarid SD. Autonomia do idoso e suas implicações éticas na assistência de enfermagem. Saúde debate. 2012; 36(95): 657-64.
22. Batistoni SST, Namba CS. Idade subjetiva e suas relações com o envelhecimento bem-sucedido. Psicol Estud. 2010; 15(4):733-42.
23. Mello PB, Piccinini AM, Rosa PV, Rosa LHT, Garcês SBB. Percepção dos acadêmicos dos cursos da saúde da Unicruz sobre o envelhecimento humano. RBCEH. 2009; 6(1):42-9.
24. Neto MG, Castro MF. Estudo comparativo da independência funcional e qualidade de vida entre idosos ativos e sedentários. Rev Bras Med Esporte [cidade 2014 fev. 14]. 2012; 18(4):234-37. Disponível em: URL: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v18n4/v18n4a03.pdf>>.
25. Freitas MC, Queiroz TA, Sousa JAV. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. Rev Esc Enferm USP. 2010; 44(2):407-12.

Correspondência para/ Reprint request to:

Marinês Tambara Leite

Rua Floriano Peixoto, 776, Centro,

Ijuí - RS, Brasil

CEP: 98700-000

Tel.: (55) 3332-1937

E-mail: tambaraleite@yahoo.com.br

Submetido em: 18/07/2014

Aceito em: 27/03/2015